

**DIÁLOGOS SOBRE A ESCOLA EM CONTEXTO DE PANDEMIA:
contribuições do pensamento de Paulo Freire e do Construcionismo Social**

**DIALOGUES ABOUT SCHOOL IN THE CONTEXT OF A PANDEMIC:
contributions from Paulo Freire's thought and Social Constructionism**

Natália Silva Resende¹

Patrícia Eliane de Melo²

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de expor as ideias trazidas pelo Construcionismo Social, referentes aos processos educativos e às novas possibilidades de ações na aprendizagem, em diálogo com o pensamento de Paulo Freire, pensador da educação que tem como ideia a luta por uma “educação libertadora” e democrática. Ambas as propostas buscam por um diálogo entre toda a comunidade escolar para a construção de um projeto de que todos participem. Esse projeto aparece como uma alternativa para a educação no atual contexto de quarentena, vivido em decorrência do Novo Coronavírus. Por conta desse cenário, as escolas estão reinventando novas práticas e passam a conversar com as ideias que visam maior autonomia e participação de seus membros para a construção de uma gestão mais colaborativa e participativa.

Palavras-chave: Construcionismo social. Paulo Freire. Educação. Pandemia.

Abstract

The present article aims to expose the ideas brought by Social Constructionism, referring to educational processes and the new possibilities of actions in learning, in dialogue with the thought of Paulo Freire, thinker of education whose idea is the struggle for an “education liberating” and democratic. Both proposals seek a dialogue between the entire school community to build a project in which everyone participates. This project appears as an alternative to education in the current quarantine context, experienced as a result of the Coronavirus. Because of this scenario, schools are reinventing new practices and starting to talk to ideas that aim for more autonomy and participation by school members to build a more collaborative and participative management.

¹ Psicóloga pela PUC Minas, especialista em Construcionismo Social: práticas clínicas e psicossociais pós-modernas e mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: nataliaresende_7@hotmail.com

² Psicóloga, doutora em Psicologia Social pela UERJ, mestre em Educação e professora adjunta da PUC Minas. E-mail: patriciaelmelo@gmail.com

Keyword: Social constructionism. Paulo Freire. Education. Pandemic.

Introdução

Com o objetivo de discutir sobre os impactos da pandemia da Covid-19 no contexto escolar, elaboramos essa análise contando com a contribuição das ideias de Paulo Freire e do Construcionismo Social. Acreditamos que esse diálogo proposto possa articular possíveis contribuições ao fazer educacional.

A Covid-19 é uma doença reportada na China em dezembro de 2019 e tem como quadro clínico significativo dano aos pulmões, podendo levar ao óbito – conforme a extensão de sua gravidade. Da China se alastrou para o mundo, com recordes de óbitos em várias partes do planeta, transformando-se, em questão de meses, em uma pandemia global que obrigou várias nações a enfrentá-la traçando planos de isolamento social e mudanças drásticas na convivência social. Como sua descoberta é recente e ainda pouco se sabe da total extensão de seus impactos na saúde dos seres humanos, seus efeitos na sociedade têm ocorrido de forma avassaladora.

Além de várias empresas adotarem o *home office* como estratégia de contenção do novo coronavírus, a educação foi uma das áreas mais afetadas pelas medidas de isolamento social exigidas pelo Estado. As aulas das escolas e universidades no Brasil foram suspensas por período indeterminado. Crianças, jovens e adultos encontram-se em casa. Para nortear as atividades que serão desenvolvidas nesse período, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou diretrizes para orientar as escolas da educação básica e instituições de ensino superior durante a pandemia do novo coronavírus. O documento sugere aos municípios que busquem modelos alternativos com a finalidade de manter o fluxo das atividades escolares enquanto durar esse contexto. Uma das alternativas propostas seria a utilização do meio virtual para estabelecer uma aproximação dos professores com as famílias dos estudantes.

Mas, infelizmente, o que podemos verificar é que a educação remota proposta pelo governo não atingirá todas as casas brasileiras, pois, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet, isso representa cerca de 46 milhões de brasileiros.

Assim, o cenário educacional no país se apresenta de forma desigual. Observamos a inexistência de uma educação “para todos” e uma sociedade dividida e injusta. Historicamente, a educação visa a reproduzir e conservar os interesses das classes dominantes, como se fossem interesses de toda a sociedade.

Mas, felizmente, na contramão dessa situação, existe no país um movimento engajado contra essas ações mantenedoras que visa a transformar esse atual valor educacional. (SCOCUGLIA, 1999).

Esse movimento tem como expoente máximo e grande inspirador das atuais e futuras gerações o educador Paulo Freire, baluarte do movimento contra hegemônico na educação do Brasil, que explicita a denúncia contra a educação “bancária” que, segundo ele, é voltada à opressão e alienação do processo educativo. Freire propõe uma educação problematizadora, alertando prioritariamente para as dificuldades que as classes oprimidas têm em se organizar na luta por um processo de ensino-aprendizagem de desalienação, crítico e autônomo para o indivíduo. Paulo Freire também pontua a importância do diálogo como matriz pedagógica de sua obra (SCOCUGLIA, 1999).

Indo ao encontro com o pensamento freiriano, o Construcionismo Social, movimento que surge nas Ciências Sociais e Humanas no final do século XX, aponta para a crise do modelo epistemológico da modernidade, trazendo um novo olhar e uma nova prática. Emergem questionamentos das verdades tidas como imutáveis e passa-se a trabalhar com a ideia de “múltiplas verdades”, que são construídas a partir da interação com o outro, com uma comunidade que a legitima como tal, utilizando-se de parâmetros históricos e culturalmente estabelecidos (GERGEN; GERGEN, 2010).

Dessa forma, o Construcionismo rompe com os princípios da ciência tradicional (objetividade, estabilidade, simplicidade, neutralidade) e passa a compor a ciência vista como novo-paradigmática, propondo um olhar complexo do sujeito, além de estabelecer critérios de validação da experiência subjetiva do observador, criando espaços consensuais de intersubjetividade. O Construcionismo - assim como o pensamento freiriano - tende a favorecer formas de diálogo, a partir das quais possam emergir novas realidades e novos valores.

É a partir da interlocução desses dois pensamentos e como eles podem contribuir nesse atual cenário pandêmico que esta análise se norteia.

Construcionismo Social e Paulo Freire: um “novo” olhar para a educação em tempos de pandemia

Segundo Gergen e Gergen (2010), é possível utilizarmos uma postura construcionista na prática educativa, a partir do momento que substituímos as palavras por diálogos. O modelo tradicional de ensino nos implica em ações individualizadas sem levar em conta a produção relacional entre os indivíduos.

Dessa forma, o Construcionismo Social não considera educar, “derramar conhecimento sobre os alunos”, como se cada educando não tivesse nenhum tipo de conhecimento prévio que pudesse ser compartilhado com os demais. Pelo contrário, o educador que tem uma postura construcionista leva para a sala de aula aquilo que poderá ser utilizado como recurso que capacitará os educandos a se envolverem em novos diálogos. É por meio do diálogo que os alunos poderão gerar conversas de valor, ao mesmo tempo em que levam a fala do outro em consideração.

Para os construcionistas bem como para Paulo Freire, a educação é dependentemente política. Assim como também aponta Paulo Freire, o modelo dos currículos escolares, em sua grande maioria, mantém um modelo preferido por uma maioria. Consonante, Gergen e Gergen (2010) afirmam que não é necessário evitarmos discussões acerca de preconceitos ou valores em sala de aula, a questão é, como conduzimos essas discussões para não sustentarmos pensamentos de uma classe privilegiada em detrimento da outra.

Como exemplo disso, acreditamos que seja possível um professor incentivar seus alunos a votar, sem, no entanto, induzi-los a votar em um partido específico. O professor com uma postura construcionista teria uma percepção mais clara a respeito dessas situações diversas, compreendendo quem está sendo privilegiado e quem está invisível nesse processo. Ao buscar essas ações, o educador poderá ver alternativas, observando em sala quem é aquele que fica mais calado, na busca por estimular essas vozes silenciosas a se expressarem.

Gergen (2007) aponta para duas visões tradicionais de produção do conhecimento: uma norteada por uma orientação exógena, em que o conhecimento está centrado no currículo e o aluno é visto como uma tábula rasa - em que o processo educativo irá construir esse sujeito. Utiliza-se a prova como meio de avaliação e há valorização do conhecimento individual; a outra é a orientação endógena, que está centrada no aluno, e o currículo prioriza as capacidades racionais do sujeito. O importante aqui não é a quantidade de informação dada, mas como (qualidade) é passada aos alunos. Esse modelo favorece um processo de avaliação com discussões em sala e com a participação dos alunos.

Tanto a concepção exógena quanto a endógena localizam o conhecimento dentro da mente dos indivíduos, são esses mesmos indivíduos que observam e pensam o que fazem as propostas terem fundamentos dualistas. A visão construcionista vem propor uma alternativa ao que está posto e propõe o conhecimento não como produto das mentes individuais, mas sim das relações sociais. Coloca a relação professor x aluno como central para o processo educativo.

Gergen (2007) também aponta para uma hierarquia no modelo de produção do conhecimento. Esse modelo em que os professores produzem e os alunos apenas “recebem” de forma passiva impactaria no processo de ensino-aprendizagem.

A alternativa proposta pelo modelo Construcionista é tirar o foco da hierarquia e transpor para a heterarquia, ou seja, precisaríamos sair de um modelo centralizado para uma ordem consensual em que alunos e professores pudessem juntos opinar sobre as matrizes curriculares e a sua relevância para o desenvolvimento das práticas escolares. Dessa forma, propõe-se a extinção de um currículo universal em prol de um modelo construído coletivamente, levando em conta a realidade e a história de cada um.

Existem dois movimentos na educação que foram favorecidos pelo movimento das ideias construcionistas, são eles: a pedagogia crítica – que tem como um dos seus principais representantes o pensador Paulo Freire, e o aprendizado colaborativo.

O aprendizado colaborativo, segundo Gergen e Gergen (2010), parte do princípio de uma orientação relacional, ou seja, “é o aprendizado com os outros e através dos outros”. Como apontado anteriormente, o modelo tradicional de educação é pautado no viés individualista, espera por focar em um único indivíduo – contrário ao olhar construcionista que leva em conta o “pensamento individualista” como um subproduto da imersão de alguém nas relações.

Nesse sentido, a escrita colaborativa torna-se uma ferramenta de prática dialógica entre os educadores e os educandos. Os alunos, ao invés de realizarem uma tarefa individual, formam grupos e/ou pares, sempre trabalhando juntos para produzirem um trabalho final. Assim, o trabalho se torna colaborativo, evidenciando as habilidades de cada membro do grupo. Um aluno aprende com o outro e se beneficia ao adquirir percepções a partir dos diferentes olhares da atividade.

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, é possível ver as aproximações de Paulo Freire com os ideais marxistas, com ênfase nas questões relacionadas aos conflitos entre as classes sociais. Também, na mesma obra, Freire passa a ver a politicidade do ato educativo, ainda que este seja posto como “aspectos” políticos (SCOCUGLIA, 1999).

O pensamento freiriano recai sobre uma pedagogia do “oprimido” como categoria política, em que o fazer educativo acaba por priorizar as necessidades e os interesses de uma maioria, gerando uma situação de opressão sócio-política. Na luta por construir algo contrário, Freire propõe o que seria a *pedagogia da libertação*.

Nesse sentido, a pedagogia do oprimido vista como humanista e libertadora, terá dois momentos:

O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 1987, p. 23).

Assim, a Pedagogia do Oprimido é aquela

[...] que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por uma libertação, em que esta pedagogia se fará e se refará (FREIRE, 1987, p. 17).

O autor, além de retratar sua preocupação com a relação liderança-camadas oprimidas, também se ocupa por tratar da relação educador-educando, com a proposta de uma pedagogia **com** o oprimido e não **para** o oprimido. A maior dificuldade seria criar uma pedagogia “**com**”, pois esta, “[...] concentra-se na hospedagem dos valores/interesses/necessidades dos opressores na sua consciência, o que impediria a real percepção da situação de subalternidade na qual se encontra e a tomada de decisão no sentido contrário” (SCOCUGLIA, 1999 p. 57).

Freire, ao longo de seu trabalho, pontua a importância da relação dialógica e a pedagogicidade da conduta de quem educa. Pontua a necessidade do educador de (re) educar-se no conflito social ao lado dos oprimidos.

Na *Pedagogia da Autonomia*, Freire propõe alguns questionamentos referentes à formação e atuação dos educadores. Segundo Dickmanm (2010), o homem é um ser relacional e dialógico, sendo que ele pode ser menos ou mais humano. “A humanização e desumanização são possibilidades de ser enquanto prática de liberdade ou opressão” (FREIRE, 2003, p. 30).

Dessa forma, o homem só se constitui a partir da sua relação com o outro e com o mundo. O mundo torna-se o mediador do processo educativo junto às relações humanas. Tal como o Construcionismo Social aponta, quando sustenta que assim como a realidade é construída nas trocas sociais, somos seres constituídos na linguagem como prática social.

Nesse sentido, Paulo Freire destaca a importância da posição do educador no processo educativo. Ele precisa ter consciência da posição privilegiada que ocupa. O autor destaca a necessidade da reflexão crítica sobre a relação teoria e prática com determinados cuidados para que a teoria não se torne falsa e a prática, ativismo. O professor deve possibilitar a criação do conhecimento e não apenas transferi-lo.

Assim,

É preciso, sobretudo, [...] que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p. 24,25).

Ensinar só é possível quando se aprende e vice-versa. Os sujeitos envolvidos no ato educacional não se reduzem à condição de objeto, quem ensina aprende a ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

O homem, ao longo dos anos e com o convívio em sociedade, descobriu que era possível ensinar e, mais tarde, que é preciso criar meios e métodos de ensino, levando em conta a história de cada educando e suas particularidades. O ensino não se reduz a um atributo do aprender, deve estimular o aluno à curiosidade. O pensamento crítico no desenvolvimento da capacidade de aprendizado constrói a curiosidade epistemológica, o que nos permitirá recusar o ensino bancário.

Em suma, na *Pedagogia da Esperança*, Freire retoma questões trabalhadas anteriormente pela Pedagogia do Oprimido. Com um olhar de esperança, ele espera que a educação possa transformar o sujeito na busca por refazer o mundo em luta com os oprimidos, possibilitando às classes populares a imersão na sua realidade por meio da linguagem e, nesse sentido, a linguagem se torna caminho de invenção da cidadania.

Assim, o educando deve assumir uma postura aventureira e questionadora, movido pela curiosidade e crítica, utilizando-as como armas contra a sujeição do “bancarismo”. O diálogo, ferramenta fundamental no processo educativo, é visto como possibilidade de mediação entre professor-aluno, e é repensado e entendido também como ação entre os iguais e os diferentes, mas contra os antagônicos nos conflitos sociais.

Em suma, o Construcionismo Social e Paulo Freire criticam os conhecimentos tidos como “estáticos” e prezam por uma realidade que se movimenta, pois a educação não é simplesmente armazenar informações na mente dos educandos, mas gerar contextos nos quais o discurso e a prática possam se unir. Além disso, ambos os pensamentos acreditam em um trabalho realizado em conjunto, educador-educando, em que as tradições, os valores, a história de vida façam parte do processo educativo.

Gergen e Gergen (2010) nos colocam sua preocupação em relação ao modelo tradicional de ensino, que também se reflete no trabalho de Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido*. Freire se preocupa com a estrutura de muitos sistemas educacionais que alienavam as classes menos favorecidas para manterem-se em modelo de submissão. Assim, diversos

teóricos vêm trabalhando as questões de classes, preconceito e gênero nos modelos curriculares. O Construcionismo, além de pontuar essas questões, procura ampliar esse olhar.

O Construcionismo Social busca expandir as sensibilidades críticas, para que, assim, todos os educandos, independentemente de a qual classe social pertença, possa compreender as faltas presentes nas práticas educativas. Amplia-se o olhar ao trazer à tona preconceitos referentes a religião, raça, gênero, orientação sexual, música, esportes dentre outras. Dessa forma, tem-se que aprender a lidar com essas múltiplas realidades que constituem uma das grandes dificuldades da educação.

Para além, o Construcionismo também convida a substituir a crítica antagonista pelo diálogo. Gergen e Gergen (2010) pontua que a sociedade que vivemos é tradicionalmente oprimida, mas isso não quer dizer que podemos nos deixar subjugar pelo opressor. Segundo Gergen e Gergen:

O opressor também carrega uma tradição de valores, e se, colocássemos todas as tradições umas contra as outras, a vida seria abominável, embrutecida e breve. Como não existem meios definitivos para julgar as tradições, é importante adquirir habilidades para se envolver na exploração mútua (GERGEN; GERGEN, 2010, p. 70).

Nesse sentido, o Construcionismo nos convida a pensar sobre os limites da nossa crítica. O opressor, por exemplo, também tem suas tradições, seus valores e não seria apropriado colocar um valor contra o outro – opressor x oprimido. É importante pensar as práticas críticas com o olhar apreciativo, ou seja, positivo em relação a uma outra tradição.

Paulo Freire também, ao encontro desse movimento, colocava-se, numa certa “pós-modernidade progressista³”, em particular pelos temas que desenvolveu nas suas últimas obras: a questão de gênero, a questão étnica, a questão ecológica, entre outras, novas temáticas que ele ia incorporando ao seu pensamento político pedagógico.

O Paulo Freire dos anos 90 revisa alguns conceitos tratados por ele anteriormente, como, por exemplo, na *Pedagogia da Esperança*, em que incorporam novas temáticas e novos paradigmas, sempre buscando uma autocrítica e uma (re) construção diária. Ele aborda, ao longo de sua obra, temas como: a solidariedade, o coletivismo, o diálogo com a pedagogia, o

³ O que a pós-modernidade progressista nos coloca, diz ele, é a compreensão realmente dialética da confrontação e dos conflitos e não sua inteligência mecanicista [...]. Em lugar da decretação de uma nova história sem classes sociais, sem ideologia, sem luta, sem utopia e sem sonho, o que a cotidianidade mundial nega contundentemente, o que temos que fazer é repor o ser humano que atua, que odeia, que cria e recria, que sabe e que ignora, que se afirma e que se nega, que constrói e destrói, que é tanto o que herda quanto o que adquire, no centro, das nossas preocupações (FREIRE citado por SCOCUGLIA, 2005, p. 16).

respeito às diferenças, a valorização do saber popular, a democracia e a ética, o repúdio a todas as ditaduras, inclusive a do(s) Partido(s), entre outros, estes são os sustentáculos das propostas político pedagógicas de Paulo Freire, são paradigmas fundamentais, para a educação atual. (SCOCUGLIA, 1999)

À vista disto, tanto Paulo Freire como o Construcionismo Social combatem as práticas pedagógicas com lógica capitalista que priorizam a capacitação de pessoas para uma demanda de mercado, priorizando a eficiência e produtividade alimentando a alienação na população.

Ambos os posicionamentos levam em conta a história de vida, a cultura e as tradições trazidas por cada educando, a relação homem – mundo.

Paulo Freire, ao desenvolver seu método de alfabetização e os temas geradores⁴, procura dialogar com a realidade trazida pelo educando, sem impor um olhar, ou ponto de vista. Outro ponto trabalhado é o fato de desenvolverem um trabalho **com** e não **para**. A participação dos educandos na construção das atividades/currículos a serem trabalhados em sala e como será trabalhado se faz de forma conjunta. É uma co-construção educador e educando, em busca de uma prática coletiva e colaborativa.

Nesse sentido Paulo Freire pontua:

Numa visão libertadora, não mais “bancária” da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças. Daí a investigação da temática como ponto de partida do processo educativo, como ponto de partida de sua dialogicidade (FREIRE, 1987, p. 59).

O educador, então, por meio do diálogo, busca esse universo temático (contextos nos quais os educandos estão inseridos) do educando, na elaboração conjunta de uma prática que rompa com os modelos tradicionais mantenedores da lógica opressora em prol de uma prática libertadora e coletiva, que visa à criticidade e empoderamento das massas.

Em suma, podemos pensar algumas palavras que se repetem ao longo do trabalho desenvolvido por Paulo Freire e do discurso Construcionista Social. São elas: diálogo, co-construção, relação homem x mundo, empoderamento, luta, política, dentre outras tantas que poderiam servir de interlocução ao trabalho de ambos.

⁴ Estes temas se chamam geradores porque, qualquer que seja a natureza de sua compreensão como a ação por eles provocada, contêm em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas.(FREIRE, 1987 p.53)

Contribuições para o contexto de pandemia

Atualmente, vemos um movimento por parte de intelectuais e profissionais da área de Educação que, incomodados com o modelo tradicional de ensino e impactados com os efeitos da quarentena, passaram a produzir novas discussões e possibilidades de atuação para a comunidade educacional.

É fato que a rotina escolar foi e está sendo afetada por esse contexto, no entanto, podemos nos valer das ideias, já expostas, acerca do Construcionismo Social e do pensamento de Paulo Freire para co-construir novas ações.

Ambas as ideias propõem uma relação dialógica, em que comunidade escolar e família possam juntas desenvolver alternativas para o processo de ensino-aprendizagem das crianças e dos adolescentes. Muitas escolas estão se valendo de recursos tecnológicos para essa aproximação e as famílias estão se adaptando a uma nova rotina e às necessidades das crianças.

Assim, como aponta Gergen (2010, p. 31), “o Construcionismo tende a favorecer formas de diálogo partir das quais possam emergir novas realidade e novo valores”. Ou seja, não existe uma única e verdadeira forma de se educar, mas sim, criar, por meio da relação escola e família, novas maneiras de construir o processo educativo.

Mas, como isso pode ocorrer na prática? Existem, na atualidade, diversas escolas que se opõem ao modelo tradicional e optam por desenvolver um trabalho colaborativo. Seus princípios estão fundados em um fazer participativo, com uma proposta pedagógica que considera o respeito, a escuta e o diálogo como aspectos fundamentais, pois acreditam que as crianças são sujeitos autônomos e que têm um papel central em seu próprio aprendizado, bem como na construção coletiva do projeto da escola.

Pensar o trabalho por meio de uma gestão cooperativa, neste atual contexto, pode contribuir para o desenvolvimento de novas rotinas, envolvendo toda a comunidade escolar (alunos, professores, pais, funcionários), pois entender que a participação de todos é fundamental para uma educação inclusiva e efetiva.

O contexto de pandemia também abre nossos olhos acerca da realidade e dos desafios já vividos pela Educação no Brasil, discussões que abarcam as relações *opressor x oprimido*, já discutidas por Paulo Freire, que trazem à tona quem está sendo privilegiado e quem é tornado invisível no processo educativo. A proposta, então, é enxergar alternativas, ouvindo essas vozes silenciadas ou ausentes, para que possam contribuir, se expressarem e serem ouvidas nesse novo fazer em tempos de pandemia.

Considerações finais

Gergen, ao longo de seu trabalho, quando falava sobre as práticas pedagógicas, trouxe em diversos momentos as contribuições de Paulo Freire e seu pensamento a respeito de uma educação política, humanizada, com o uso do diálogo como matriz pedagógica de sua práxis.

As práticas propostas, de forma geral, visam a uma alternativa ao modelo tradicional de ensino, em que educando juntamente com o educador e toda a instituição possam participar de forma colaborativa nas decisões e práticas a serem desenvolvidas. Esse olhar pode ser pensado e praticado no atual contexto da quarentena que estamos vivenciando em virtude da Covid-19.

Assim, vemos que é possível construir novos processos de educação, bem como a busca por parte dos pais e da escola de saírem do modelo que individualiza e adocece os meios educativos, que nesse momento se torna ineficaz. pois não consegue contemplar todos os estudantes, por algo que inclui e valoriza toda a comunidade escolar, sentindo-se parte integrante de todas as etapas.

Dessa forma, tanto o Construcionismo Social quanto Paulo Freire possuem ideias que corroboram na busca por uma prática educativa mais democrática e possível de ser executada, mesmo em contexto de pandemia.

Referências

BRASIL, Ministério da Saúde. **Sobre a doença**. Disponível em:

<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> Acesso em: 23 jun. 2020.

DICKMANN, Ivo. **Contribuições do pensamento pedagógico de Paulo Freire para a educação socioambiental a partir da obra Pedagogia da Autonomia**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós Graduação em Educação. Curitiba, PR.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia do oprimido**. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GERGEN, Kenneth. **Realidade e Relaciones: aproximaciones a la construcción social**, 2007. Disponível em:

<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxtZW5kc mFzYWxhc3xneDo1NTRhMDIxZDIjMWNmZGVh>. Acesso em: 10 ago. 2017.

GERGEN, Kenneth; GERGEN, Mary. **Construcionismo Social: um convite ao diálogo**. Rio de Janeiro, Instituto Noos, 2010.

RAPIZO, Rosana; ZUMA, Carlos. Transformando práticas educativas, da palmada ao diálogo: relato de uma experiência em duas comunidades no Rio de Janeiro. *In*: RAPIZO, Rosana; ZUMA, Carlos (org.). **Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento**. Rio de Janeiro, Editora Noos, 2014.

SANTOS, Carolina Silva. **Desafios e transformações da avaliação da aprendizagem: a escola da Ponte e seu princípio democrático**. Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A História das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 1999.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Paulo Freire e a Conscientização na transição Pós moderna. **Revista Educação Sociedade e Cultura**, n. 23, p. 21-42, 2005.

VIÉGAS, Lygia de Souza. Novos modos de atendimento à queixa escolar. **Conversações em Psicologia e Educação**. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia, 2016.

WEBSTER, Clarissa Mendonça. Ferramentas teórico-conceituais do discurso construcionista. *In*: RAPIZO, Rosana; ZUMA, Carlos (org.). **Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento**. Rio de Janeiro. Editora Noos, 2014.